


**O PENSAMENTO DE LUIZ ANTONIO SIMAS E OS ESTUDOS DO LAZER:
APROXIMAÇÕES, CONEXÕES E ABERTURA DE CAMINHOS**

Recebido em: 05/05/2025

Aprovado em: 10/09/2025

Licença: 

Juliana Araujo de Paula¹

Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF)

Brasília – DF – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4247-8355>

José Alfredo Oliveira Debortoli²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5277-0523>

Mauro Lucio Maciel Junior³

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9402-952X>

Ana Paula da Silva Pena⁴

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0005-8822-7465>

RESUMO: Neste artigo, buscamos aproximar o pensamento de Luiz Antonio Simas do campo de Estudos de Lazer. Relacionamos, especialmente, temas e conceitos que nos provocam outros olhares para o carnaval, o futebol e a educação. Escrito coletivamente, optamos por uma escrita que também narrasse nossos encontros com esse autor e expressasse o modo como fomos afetados por sua obra. Simas é historiador, escritor e professor da educação básica que, também ao lado de outros estudiosos, reflete e propõe compreensões e visões de mundo a partir de experiências cotidianas comumente relacionadas a cultura popular. Além de suas ideias expressas em prosa, poesia e crônica, a oralidade é uma importante dimensão de sua forma de pensar, ver o mundo e apresentar um Brasil constituído nas margens do projeto de poder. Este texto propõe trazer para os Estudos do Lazer um desejo de diálogo com seu pensamento, tomando como referência algumas de suas obras, aulas públicas e entrevistas, na temporalidade em que surgiram para nós e nos firmaram como grupo de estudos. Assim, buscamos

¹ Doutora e membra do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social (NAPrática) e do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (Oricolé/UFMG)

² Doutor e membro do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social (NAPrática) – UFMG.

³ Doutor e membro Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (Oricolé) - UFMG.

⁴ Mestre e membra do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social (NAPrática) – UFMG.

compartilhar caminhos para possíveis diálogos acadêmicos, em especial no que se refere ao corpo em suas diferentes expressões nas experiências de lazer.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Antonio Simas. Cultura popular. Estudos do lazer.

**LUIZ ANTONIO SIMAS'S THOUGHT AND LEISURE STUDIES:
CONNECTIONS, APPROXIMATIONS, AND NEW PATHWAYS**

ABSTRACT: In this article, we seek to bring Luiz Antonio Simas's thinking closer to the field of Leisure Studies. We specifically relate themes and concepts that provoke alternative perspectives on carnival, football, and education. Written collectively, we chose a narrative style that also conveys our encounters with the author and expresses how we were affected by his work. Simas is a historian, writer, and elementary school teacher who, alongside other scholars, reflects on and proposes worldviews grounded in everyday experiences commonly associated with popular culture. Beyond his ideas expressed in prose, poetry, and chronicles, orality is a key dimension of his way of thinking, seeing the world, and presenting a Brazil shaped at the margins of dominant power structures. This text aims to bring to Leisure Studies a desire for dialogue with his thinking, using as reference some of his works, public lectures, and interviews, in the temporality in which they reached us and helped shape us as a study group. In doing so, we aim to share pathways for possible academic dialogues, particularly regarding the body in its different expressions within leisure experiences.

KEYWORDS: Luiz Antonio Simas. Popular culture. Leisure studies.

Introdução - Pedimos Licença

“Agô”! Buscando “*pisar nesse chão devagarinho*”⁵, mistura-se em nós o desejo de escrita – *como quem se alimenta* – sobre as concepções, conceitos e olhares de Luiz Antonio Simas, a um movimento de aprendizagem e compreensão – *como quem pede licença* – para um *mais velho*, da mesma família, de uma mesma *casa*. Fica, ainda, o sonho de escrever com – *como quem pede a bênção* e segue a *obrigação* das partilhas que sustentam nossa caminhada.

Academicamente, propor a escrita de um texto – de uma forma compartilhada – em que convirjam aproximações e conexões com a “sabedoria encantada” de Simas, propondo um diálogo com os Estudos do Lazer não é tarefa simplória. De um lado, o

⁵ Como nos versos de “Alguém Me Avisou”, música de Dona Ivone Lara.

risco de minorizar a força, o sentido e o propósito das escolhas teórico-conceituais, repetindo frases como chavões; de outro, o impulso de universalização de compreensões, descontextualizadas da prática, da experiência e da concretude das relações.

Luiz Antonio Simas, “cambono” professor, que pratica o saber nas encruzilhadas da história e da crônica. Historiador e escritor, Simas tem mais de 20 livros publicados em que busca pensar o mundo através das experiências do que correntemente se denomina *culturas populares*. Seu sentir-pensar-fazer nos convida a habitar princípios práticos e filosóficos constituídos nos tambores, nos ritos e celebrações de diferentes povos africanos. Atravessado pela rua, pelo espaço (do) público, pelo samba, pelo futebol, pelo terreiro, tem nos possibilitado aproximar e encantar as ciências, em uma encruzilhada que nos desafia a percorrer caminhos que nos levam em direção à arte, à literatura, ao cotidiano... ao corpo.

Carioca e neto de uma Iyalorixá, Simas tem uma trajetória pessoal que conflui de experiências de resistência e de vivências de uma história brasileira considerada não oficial, o que é revelado nas elaborações contidas em suas produções. Ao longo do processo de trabalho sobre o samba, foi desenvolvendo suas bases conceituais. Lançou-se ao desafio de percorrer as frestas das produções acadêmicas sobre esse importante elemento da cultura brasileira que, habitualmente, trabalha com um arcabouço conceitual de fora. Detectou que quase nenhum trabalho tentava entender a elaboração de conceitos de dentro, do próprio samba e também dos terreiros. E foi por aí que trilhou seu caminho conceitual, trazendo à tona culturas de gramáticas não normativas, encarnadas de ritualidades, que produzem discursos, narrativas e saberes que foram historicamente subalternizadas e, quando muito, miradas como exóticas.

Como historiador, lança outros olhares para a cidade e o cotidiano, encantando modos de ser e viver marcados pelo elemento civilizador afro-brasileiro, na experiência da diáspora, que faz do esfacelamento, da dispersão, da dor, da luta, um movimento inventivo, retomando, reorganizando a vida e a subjetividade que nos é tirada, roubada, educada, abrindo caminhos para ser experimentada de uma outra forma coletiva, comunal, festiva... centrada nas relações, nos fazeres de habitar o mundo e encontrar respostas aos desafios da vida.

Em meio a esse cenário, propomos um diálogo com os Estudos do Lazer, aceitando o convite de Simas de nos *encantarmos* com as sutilezas mágicas, sagradas e mundanas, da vida cotidiana, das pessoas, dos ritos, dos corpos, das relações. A “Sabedoria Encantada” de Luiz Antônio Simas nos *alumeia* o movimento de sermos observadores sensíveis das coisas da vida e dos mundos. Suas palavras e fazeres têm nos provocado olhar para os sentidos do Lazer de uma outra maneira e potência. Seus modos de pensar e de escrever, sem responsabilizá-lo por nossas próprias escolhas, leituras e histórias, nos exorta olhar de frente e encarar *encruzilhadas e encantamentos*.

Assim, ainda que compreendamos que o Lazer, como campo de estudos, esteja fortemente atravessado contextualmente pelas estruturas e relações moderno-capitalistas, buscamos na obra de Simas a possibilidade de enfatizar experiências que fogem à essa lógica de normatização da vida. Sim, não fugimos à reflexão de que o Lazer pode ser instrumento e estratégia da colonialidade do poder e seus desdobramentos⁶. Entretanto, consideramos importante procurar caminhos que dão vida à ousadia, ao sonho de outras narrativas e modos de compreensão do mundo.

⁶ Aqui dialogamos diretamente com o que tem sido denominado de “perspectiva decolonial”. O sociólogo peruano Aníbal Quijano foi um dos precursores dessa perspectiva e desenvolveu sua noção matriz, a colonialidade do poder. Tal noção refere-se à continuidade na atualidade das relações de poder

Para isso, temos procurado formas de expressão capazes de abrir brechas nas normatividades do poder. Em proximidade com Simas, que afirma se interessar por “foliões anônimos, bêbados líricos, jogadores de futebol de várzea, clubes pequenos, putas velhas, caminhoneiros, retirantes, pretos velhos, violeiros cordelistas, mestres de marujada, moças do Cordão Encarnado, meninos descalços...” (Simas, 2019, p. 13), buscamos trabalhar com experiências cotidianas frequentemente invisibilizadas e desvalorizadas por um tipo de racionalidade, cada vez mais economicista e utilitarista.

Em nossos movimentos, temos tentado aprender com comunidades indígenas, terreiros e quilombos; com pessoas que se constituem em práticas sociais e territórios em comum, e re-existem⁷ coletivamente; com torcedores de futebol que contestam e resistem à lógica mercantil; com jovens estudantes e professoras/res; com outras formas de ser e viver que nos convidam a ousar compreender uma existência social coletiva, corpórea, artística, pública, brincante. Também somos professores e olhamos o mundo, entre outros *terreiros*, dos lugares das Artes e da Educação Física.

Desses locais, temos sido desafiados a manter olhares sensíveis e atentos à escola e suas relações nas *encruzilhadas* do conhecimento, que ao mesmo tempo reduz e expande, controla e liberta, em busca de respostas às demandas da vida, e, sobretudo, nela encontrar respostas para as aprendizagens e as docências, que convidam a brincar, a se abrir para o outro e para si mesmo, a sustentar caminhos de aprendizados mútuos, recíprocos e imprevisíveis. Nossas *encruzilhadas*.

constitutivas do colonialismo. Outros autores partiram dessa compreensão de Quijano e desenvolveram noções como a colonialidade do saber, colonialidade do ser e outras.

⁷ Dialogamos com a noção de re-existência do professor Adolfo Albán Achinte que a concebe como “as formas de re-elaborar a vida auto reconhecendo-se como sujeitos da história, que é interpelada em seu horizonte de colonialidade como lado obscuro da modernidade...” (Albán Achinte, 2017, p. 19, tradução nossa).

Nelas, como abrir mão do desejo de (re)encantar a docência, ainda que institucional, normatizada e normativa? Porque também sabemos que é, ou pode ser, jornada de vida, aberta a saberes diversos, que provoque novos modos de ser, que inclua o corpo e as práticas cotidianas que trazem sentidos e identidades, e que nos mobilize a aprender a se nutrir da vida.

Um desdobramento desses esforços é o texto ora apresentado, que é um aceite ao desafio de tecer aproximações com temáticas que temos estudado no âmbito dos estudos do Lazer. Tecido coletivamente, em um grupo formado por duas autoras e dois autores, esse trabalho foi desenhado em sete movimentos: uma introdução, que acabamos de compartilhar; um segundo movimento, de intenção metodológica, em que descrevemos o caminho de produção do texto; um terceiro, voltado à localização epistemológica do pensamento de Simas, abrindo caminhos para colocar o lazer em perspectiva; na sequência, elaboramos três seções, abordando alguns caminhos para materializar as relações entre nossos estudos, no âmbito do lazer, e a obra de Luiz Antonio Simas, sendo eles: o carnaval, o futebol e a escola. Por fim, as considerações finais.

Traçando um Caminho de Escrita: De Voz Singular à Constituição de um Coletivo

Ninguém dança sozinho! Dança com, dança para, dança junto... Dança é encantamento, é resistência, é movimento de dentro anunciado no corpo, esse parceiro que nos permite dizer quem somos. Dança é expressão de que há algo vibrando, sendo. O viver é um dançar tão bonito. Embalado por uma música sentida, mas não tocada por nós (...) Por isso, misteriosa (...) E nos cabe dançá-la livremente, abraçando os que entram na roda, acolhendo seus ritmos, inventando passos. E ela, assim, vai ficando ainda mais bonita (Sayão, 2021, p. 9).

Porque sabemos que a vida nos convida a relações e partilhas, queremos reafirmar que esse texto é fruto de um trabalho coletivo, que entrelaçou contribuições de duas autoras e dois autores. Seu nascimento e processo de estruturação, entretanto, não são explicados unicamente pela menção à ação conjunta de pesquisadoras e

pesquisadores que se uniram para escrever sobre um determinado tema. Nesse movimento, há uma história viva de encontros que merece ser contada, uma vez que conhecê-la traz elementos para entender os caminhos metodológicos seguidos, bem como suas implicações com as perspectivas teóricas que dão sentido ao trabalho. Para ser fiel ao processo de constituição do artigo, a apresentação desse percurso se inicia em primeira pessoa, com a voz da autora que nos uniu em torno desse texto e, aos poucos, vai trazendo à tona as demais participações que, juntas, tornaram possível a sua elaboração.

Começo, portanto, me convidando a dançar com Lara Sayão (2021) que, ao abrir o livro “Filosofias Africanas”, uma parceria de Nei Lopes e Luiz Antônio Simas, consegue de forma poética expressar o encontro com as palavras que a transformaram. “Certa tarde, na vida que dança ou na dança que vive, ouvi um tambor, segui seu chamado e fui encantada” (p.9). Para mim, o chamado veio em uma manhã, de frente para o mar do Rio Vermelho em Salvador. Quem possibilitou o tocar desse tambor foi uma querida amiga que, com sua generosidade habitual, me escreveu: “você precisa conhecer esse livro, acho que vai fazer diferença para você”. Voltando às palavras de Lara Sayão “O encanto veio das letras que brotam das pedrinhas miudinhas, que constituem o chão de um viver atento, vibrante, agradecido, que sabe ouvir o que é e o que já foi, que sabe agradecer os que já viveram e que, por isso, ainda vivem” (p.9). No meu caso, o encanto veio das palavras que triscam do Fogo no Mato, “palavras atuantes que geram vida porque tocam pessoas. Palavras parideiras de pensamento bagunceiros, daqueles que viram a casa de cabeça para baixo fazendo aparecer a jóia perdida... as coisas não pensadas e não sentidas antes deles” (p. 10).

A música tocada por Luiz Antônio Simas começou a embalar minha dança. Mas, como lembra Sayão, ninguém dança sozinho! Já nos primeiros passos, não poderia deixar de lembrar de outras danças, obviamente, em parceria. As primeiras palavras do livro “Fogo no Mato: A ciência encantada das macumbas”, parceria de Simas e Luiz Rufino, me remeteram à minha primeira experiência com pesquisa. Fiz contato imediatamente com meus parceiros, orientadores nessa estreia na pesquisa, para falar do meu encantamento e para convidá-los para dança. Lembro de ter enviado uma mensagem para os dois dizendo o quanto eu via relações entre o que estava descobrindo ali e as muitas coisas que aprendi com eles.

A referida obra faz um debate a partir do que podemos denominar de pensamento anticolonial - que abarca a opção decolonial, estudos subalternos e pós-coloniais - mas busca romper com a forma acadêmica de escrita trazendo para cena termos, jogos de palavras, poética, ou, conforme colocado por um dos autores, opera na dimensão do encanto da palavra. O livro é, também, um tratado sobre como fazer pesquisa, embora não seja anunciado como tal. Aborda questões metodológicas e epistemológicas e apresenta um potencial explicativo sobre o Brasil e seu processo de colonização.

Esse debate apresentava total conexão com o que vinha traçando como minha proposta de pesquisa que, naquele momento, centrava-se na dança das mulheres negras que representam o bloco afro Ilê Aiyê de Salvador. Ao pesquisar uma prática que se anuncia como uma forma de enfrentamento à opressão historicamente sofrida pela população negra no país, julgava ser incontornável lidar com o debate da colonização, em especial, o processo de escravização. Ser apresentada à obra de Simas e Rufino abriu

caminhos para compreender a constituição do que chamamos de cultura brasileira, o que foi fundamental para a elaboração da tese.

Nesse percurso de produção da pesquisa - dança com aparências de solitária, mas que só é possível com muitas parcerias - as trocas foram fundamentais para todos os movimentos realizados. Uma delas, com um querido colega do doutorado, acabou sendo um convite para dança que seguia sendo embalada pela música do Simas. Arriscamos ali, no meio de nosso processo de doutorado, elaborar os primeiros escritos sobre o nosso entendimento da obra de Simas e as possíveis relações com nossa área de pesquisa, os Estudos do Lazer. A essa altura já havíamos mergulhado em outras obras do Simas, em especial, “Flecha no tempo”, também parceria com Luiz Rufino, “O corpo encantado das Ruas”, e, trazidas por meu orientador (aquele, da estreia acima mencionada, que seguiu guiando meus passos), as “Pedrinhas Miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros” que encantaram Lara Sayão vieram iluminar nossos caminhos.

Nesse ponto, já éramos um trio dançando - eu, meu orientador e o colega. Passamos a, literalmente, ouvir a música de Simas. Através das suas composições musicais e, também, das suas falas, palestras, aulas públicas. A potência que já enxergávamos nas “letras que brotam” de sua obra escrita, ganhou ainda mais força nas elaborações de sua oralidade. Na fala, Simas nos provocou ainda mais, entendemos algumas questões que permeiam sua obra e que entendemos ser a base do seu pensamento. Ensaíamos novos movimentos, mais um texto, uma entrevista com esse que se tornou uma grande referência para nós. Embora importantes, esses projetos não “entraram” no papel, rodaram, expandiram, avançaram e recuaram. Foram importantes, como todo processo vivo, dialogado, desejado, mas faltava algo (alguém!) para que pudesse se materializar em texto e circular nos palcos do conhecimento acadêmico.

E ela chegou, trazida por meu orientador e, também, estudiosa do lazer. Vi um texto publicado no blog⁸ em que circulam produções dos estudantes do programa de pós-graduação do qual fazemos parte. Nele, nossa futura parceira realizou uma publicação em diálogo com a obra de Simas e não hesitei em convidá-la para se juntar a nós. Agora, como um quarteto, conseguimos ousar colocar no papel nosso diálogo, nossas construções, nossas inquietações.

Se só se dança junto, a escrita parece pressupor a solidão. Tínhamos muito o que dizer, muitos pensamentos em comuns, mas o desafio que se colocava era transpor para um texto aquilo que tão bem conseguíamos elaborar em coletivo. Para circular como conhecimento acadêmico, precisávamos elaborar uma forma de escrita coletiva.

Após realizarmos escritas pessoais sobre como fomos impactados pela obra de Simas, passamos a construir, ainda individualmente, elaborações mais conceituais relacionadas a temas que nos são mais próximos. Encontros de partilha foram permeando nossos trabalhos individuais e possibilitando a costura dos argumentos e organização do texto que segue. Com base em nossas leituras, movimentos de pesquisa e em nossa construção coletiva de entendimentos, produzimos o que entendemos ser uma apresentação, ainda que inicial, do pensamento de Simas para o campo do Lazer.

As Palavras de Simas: Localização Epistemológica

Simas, em sua vasta obra, nos provoca a refletir sobre o Brasil Institucional - como nomeia o nosso Estado Nação - e a Brasilidade - como nomeia a nossa imensa riqueza cultural. O Estado Nação, tal qual reflete Simas, edificou-se sobre um projeto de morte e aniquilamento das culturas ameríndias e africanas. E, mesmo passados séculos

⁸ Trata-se do blog “Bela: Blog Estudos do Lazer”, disponível em <https://estudosdolazer.wordpress.com/>

da invasão portuguesa, segue praticando violências e fundando parte dos seus princípios institucionais em bases eurocentradas.

Não gosto do Brasil; é mais honesto dizer. Eu gosto é da brasilidade, essa comunidade de sentidos, afetos, sonoridades, rasuras, contradições, naufrágios, ilhas fugidias, identidades inviáveis, subversões cotidianas, voo de arara e picada de marimbondo, saravá e samba. Coisas que o Brasil, o Estado colonial brasileiro delimitado em marcos territoriais, a burocracia, a república, assim como a monarquia, odeiam. O Brasil é um empreendimento de ódio. A brasilidade é uma reação vital, inovadora, transgressora, contra a mortandade como signo do Brasil (Simas; Rufino e Haddock-Lobo, 2020, p. 134).

Nessa perspectiva, o autor defende a valorização de um Brasil que seria fruto do cruzamento de culturas, de negociações e da reconstrução promovida constantemente por diferentes expressões subalternizadas, muitas das quais, em nosso entendimento, se aproximam dos interesses que nos movem pelo campo dos Estudos do Lazer. Por esse prisma, entendemos conceitos e noções desenvolvidos por Simas em suas diferentes produções, como oriundos de imersões em práticas relacionadas a essa dimensão da vida humana.

Em um momento em que o Brasil dá a impressão de se desmanchar num mar de ódio, pode parecer maluquice escrever sobre pipas. Não acho. Soltar pipa, jogar porrinha, fazer churrasco na esquina, sambar, jogar futebol, ir à missa, bater palmas no terreiro, macerar as plantas que curam, benzer quebranto, intuir as chuvas, lembrar os mortos, ler os livros, desfilar na avenida, temperar o feijão são formas de construir sociabilidades mundanas capazes de dar sentido à vida, reverenciar o tempo e instaurar a humanidade no meio da furiosa desumanização que nos assalta (Simas, 2019, p. 63).

Ao tratar desses temas, Simas desenvolve um novo vocabulário e, em diversos momentos, estabelece diálogos com a permanência do colonialismo em nossa sociedade. Como referenciais para essas discussões, utiliza autores como Aimé Césaire, Frantz Fanon, Stuart Hall, Paul Gilroy, Silvia Rivera Cusicanqui, Boaventura de Sousa Santos e Antônio Bispo dos Santos, os quais aparecem entre as referências de obras como *Flecha no Tempo*, em parceria com Luiz Rufino. Nesse livro, especificamente, a

permanência colonizadora é enunciada sob a ótica do “carrego colonial”, apresentado como:

(...) um sopro de má sorte que nutre o assombro e a vigência de um projeto de dominação que atinge os diferentes planos da existência do ser. (...) Nesse sentido, o carrego colonial se manifesta como uma condição de desencante perpetrada e mantida pelos efeitos dominantes em relação à diversidade de formas de ser/saber e inscrever sua experiência (Simas e Rufino, 2019, p. 21).

Além disso, no que poderia ser denominado como “opção decolonial”, Simas e Rufino dialogam com Anibal Quijano, Enrique Dussel e Catherine Walsh. Em nosso entendimento, a relação com a opção decolonial fica mais explícita quando os autores assumem que o conceito elaborado deve ser lido com sua “implicação política/epistemológica/afetiva” (Simas e Rufino, 2019, p. 22).

Assim, o carrego colonial, mais que identificar as múltiplas faces de operações exercidas pela maldição colonial, nos coloca à obrigação, em termos ancestrais, de despachar as obsessões cartesianas e as assentadas em um cristianismo cruzadístico inimigo das diferenças para avivarmos horizontes plurais, cosmopolitas e ecológicos em que a vida seja expressa como força inacabada e por isso impossível de ser capturada por um único sentido (Simas e Rufino, 2019, p. 23).

Simas apresenta, assim, uma posição teórico-política, ou seja, promove uma leitura do fenômeno, no caso a continuidade das relações de dominação colonial, mas não se esquivava do compromisso de transformação dessas assimetrias. Dentro dessa lógica, não encontraremos em seus textos definições ou verbetes absolutamente delimitados, muito menos conceitos petrificados que podem ser interpretados pela via da racionalidade.

O vocabulário proposto, em especial, no livro *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas*, nos atravessou definitivamente com palavras como *encantamento*, *encruzilhada*, *cruzo*, *amarração*, *cultura de síncope*, *dobra*, *fresta*, *terreiro*, entre outras, que mais que um mero exercício de textualidade, se impôs como um reposicionamento ético, estético, epistemológico e, sobretudo, político, trazendo uma força que gera e é gerada na vida, produz transformação e novos conhecimentos.

Do ponto de vista da aplicabilidade, o que nos parece é que é preciso reconhecer que esses saberes são capazes de produzir, dinamicamente, um arcabouço conceitual para que a gente possa dialogar com eles, porque a prática é algo crucial para nós. A ideia de uma “ciência encantada” está inserida no debate ontológico em relação à própria noção do que é o humano e dessas categorias que o Ocidente opera como, por exemplo, entre natureza e cultura (Simas entrevista concedida à Acervo Pernambuco, 2018b).

De certo, as palavras só ganham sentido se pronunciadas no e como processo de inscrição na ritualidade dos cotidianos. Também por isso tem sido fundamental interpelarmos outros movimentos de pesquisa, atravessados por conhecimentos que nos exigem dar transparências a ambiguidades cotidianas e a sutis táticas de re-existência. Por isso, também, o “encantamento” se torna mais que uma palavra, mas uma prática, uma maneira brincante de ler o mundo, em busca da beleza como ação política para traduzir formas de existência, nas quais a festa e os ritos se revelam como formas de luta. Trazendo as palavras de Simas e Rufino (2018a, p. 16), “o Ocidente europeu já não mais assombra, porque cumprimos o rito, praticamos o ebó... há de se ler a poética para se entender a ciência”.

Palavras como “Encruzilhada” e “Cruzo” vão se abrindo como um campo de possibilidades, uma potência do mundo... contra uma tendência de normatização de planificação dos modos de ser. Por isso, referir-se à noção de “Encruzilhada”, é como pisar em território africano, é ousar uma nova forma de nomear o tempo e espaço, absorvendo outros ritmos, nos quais o vazio e o ócio podem ser preenchidos de formas criativas e inesperadas. Enfatizar um sentido de “Culturas de Síncopa”, por exemplo, nos convida sensibilidades para perceber relações que subvertem ritmos, rompem constâncias, acham soluções imprevisíveis e criam maneiras imaginativas de se preencher o vazio, com corpos, vozes, cantos.

Não buscamos conceitos em Luiz Antonio Simas. Ao ler Simas e Rufino (2018a, p. 19) as palavras nos remeteram a uma forma de prática, a uma forma de ler a prática.

Não cabe repetir como chavão. É preciso compreender no corpo. E é justamente com essa compreensão e tomados pelas palavras de Simas que nos lançamos a olhar novamente para práticas que já nos afetavam como pesquisadores: o carnaval, o futebol e a educação.

“O Carnaval é Perigoso”

O perigo ao qual se refere Simas é o do enfrentamento de um projeto de morte, de reconstrução da vida, dos laços, na luta construída na alegria de corpos pulsantes.

O corpo carnavalizado, sambado, disfarçado, revelado, suado, sapateado, sincopado, dono de si, é aquele que escapa, subindo no salto da passista, ao confinamento da existência como projeto de desencanto e mera espera da morte certa. O carnaval é o duelo entre o corpo e a morte (Simas, 2020; Simas; Rufino e Haddock-Lobo, 2020, p. 110).

Simas compreende o carnaval como a possibilidade de reinvenção, como um ritual que, ao abrir caminhos pelas ruas, abre também brechas nas estruturas opressivas e violentas. E essa abertura é possível pois ali, segundo o autor, se pratica saberes em forma de ritual. Em cada detalhe que compõe o carnaval: as músicas e em especial os toques dos tambores, as formas de dançar, as formas de se vestir e expressar, se inventam mundos e possibilidades. “São práticas, princípios e potências de saberes que confrontam a primazia de um modo de conhecimento eleito como único” (Simas e Rufino, 2018a, p. 46).

Concebidas como “uma instituição comunitária, forjadora de elos entre segmentos populares que, à margem das benesses do poder instituído, inventaram mundos...” (Simas, 2019, p. 115), não deixam de ser percebidas por Simas em sua complexidade. Ele também demonstra como, rendidas aos patrocínios, em muitos momentos foram porta-vozes da história oficial. Entretanto, a sua defesa é de que o desfile de uma escola de samba deve ser um “evento da cultura” que é vivenciado

cotidianamente e que priorize espectadores e componentes que mantêm relação afetiva com essa instituição.

As escolas de samba, como outras instituições e práticas fundamentadas em saberes africanos, têm suas bases na tradição, mas isso não implica serem estáticas. Como culturas de axé, ou seja, que se relacionam com o real na perspectiva da existência de uma energia vital (Simas e Rufino, 2019), necessitam da ligação com a ancestralidade, com os seus fundamentos. Quando tocam, cantam e contam histórias “que a história não conta”, “se conectam à sua ancestralidade, alimentam os vivos que rompem com o tempo linear, revigoram lações cotidianos de pertencimento e sociabilidade...” (Simas e Rufino, 2019, p. 95).

Essa leitura das escolas de samba, baseada no rito e na ancestralidade, inspirou o olhar para outra instituição carnavalesca sobre a qual nos debruçamos, o bloco afro Ilê Aiyê de Salvador. Criado no período da Ditadura Civil-Militar brasileira, o Ilê surgiu na cena carnavalesca soteropolitana com o intuito de valorizar e divulgar a cultura afro-brasileira tendo como mote a afirmação da beleza e da estética negras. O Ilê Aiyê se conecta às questões da África Negra, compartilhando conhecimentos sobre a cultura negra durante o Carnaval e estabelecendo um diálogo com as questões políticas, como é o caso das revoluções anticolonialistas.

De maneira geral, é possível relacionar o processo dos blocos afro em Salvador com aqueles de outras partes do Brasil, que tiveram uma importância fundamental para a população negra do país. Simas e Rufino (2018a, p. 58) defendem que “as culturas africanas, aparentemente destroçadas pela fragmentação trazida pela experiência do cativo, se redefiniram a partir das instituições associativas (zungus, terreiros de santo,

agregiações carnavalescas etc.) de invenção, construção, manutenção e dinamização de identidades comunitárias”.

Os autores, nesse sentido, salientam a importância dos tambores que, com suas gramáticas, “contam histórias, conversam com as mulheres, homens e crianças, modelam condutas e ampliam os horizontes do mundo” (Simas; Rufino, 2018a, p. 57). Os autores defendem que o “tambor é discurso de vida”, em contraposição ao “grito de morte” conferido pela chibata. Argumentam, com isso, que a história da escravidão é violência e morte, ao mesmo tempo em que é marcada por experiências de reconstrução da vida. No Ilê Aiyê, a música que ecoa dos tambores é também uma importante marca da identidade do bloco (Paula, 2023).

Além do desfile no carnaval, o Ilê realiza diferentes ações como eventos pré-carnavalescos, shows, concursos de dança e música, além de apresentações no decorrer do ano. A noção de “terreiro” desenvolvida por Simas e Rufino (2018a) nos inspiram na análise dessas práticas pois, tal como definem os autores, terreiros são tempos/espacos em que se sacraliza e se carnavaliza a experiência simultaneamente.

Com esse sentido, Simas e Rufino (2018a) nos provocam a perceber que a distinção entre o sagrado e o profano advém de uma maneira de pensar cristã. “A sistematização polarizada entre os aspectos sagrados e profanos nos ritos cotidianos viriam a produzir no imaginário popular uma espécie de classificação hierarquizada sobre os tempos/espacos praticados”. Em contraposição à dita maneira de pensar cristã, em outras formas de pensar o mundo, é possível reconhecer o que esses autores denominam de “dinâmica de profanação do sagrado e sacralização do profano” (Simas; Rufino, 2018a, p. 43).

Sob esse viés, a Noite da Beleza Negra, um dos eventos que o Ilê realiza antes do carnaval, poderia ser caracterizada como terreiro, uma vez que se configura como tempo/espço de prática de saberes que se conectam com o sagrado e o profano, dentre eles a dança dos blocos afro (Paula, 2023). Seria, portanto, “tempo/espço em que se fundamenta o saber para a experiência com o sagrado como também o tempo/espço em que se carnavaaliza essa experiência ou, até mesmo, ambas as possibilidades” (Simas; Rufino, 2018a, p. 43).

Perceber o carnaval - e outras práticas a ele relacionadas - a partir das noções desenvolvidas por Simas, nos possibilitou ampliar a compreensão sobre esse importante fenômeno brasileiro que, inclusive, nos auxilia a entender várias dinâmicas sociais do país. Para além de entendimentos, o carnaval que Simas desvela, e nos ajuda a desvelar, mostra-se como ação transformadora e talvez isso seja o que mais nos interessa.

Quando eu falo que o carnaval inventou o Brasil possível, é porque, para mim, o Brasil possível é o Brasil da diversidade, é o Brasil da solidariedade, é o Brasil da construção de sociabilidade, é o Brasil que contesta um modelo hétero-patriarcal, normativo, branco. E esse Brasil diverso, transgressor, inventor, contestador e plural é o Brasil que se manifesta no carnaval. Por isso é que eu digo que o Brasil possível é aquele que o carnaval colocou para nós. Nós não inventamos o carnaval, mas de certa maneira, o carnaval inventou esse Brasil possível, esse Brasil que almejamos dentro de uma perspectiva profundamente democrática (Simas, 2023, n.p).

O Futebol como “Referência Para Olhar o Mundo”

O futebol é uma das minhas referências para olhar o mundo. Aprendi a ler nas páginas da Placar, gosto de escrever sobre o jogo a partir da saga de times pequenos, clubes de várzea, goleiros frangueiros, perebas, falsos craques, beques da roça, campos de várzea, jogos delirantes e similares. O craque como personagem me interessa pouco. Sou um adepto da nano-história, um escritor de irrelevâncias, da corriola dos pequeninos (Simas, 2019, p. 66).

Para abordar o futebol como um tema presente na obra de Luiz Antônio Simas, é preciso demarcar que o autor adota uma perspectiva específica para tratar desse assunto. Crítico dos processos de exclusão que permeiam o jogo em seu formato profissional e

espetacularizado, ele valoriza personagens marginalizados que, “pela ótica gerencial dos que desencantam tudo em nome do sucesso” (Simas, 2019, p. 66), pouca ou nenhuma possibilidade teriam de obter protagonismo.

Simas se interessa por personagens com pouco apelo comercial: o jogador de várzea, o craque das ruas, o goleiro injustiçado, o torcedor da geral. Ele reconhece no futebol uma potência poética, um modo de contar a história do Brasil por outras vias, a partir da perspectiva daqueles tradicionalmente deixados de lado pelos discursos oficiais. O futebol, nesse sentido, é um arquivo vivo da história popular brasileira, revelando dores e alegrias que não cabem nos modelos do esporte como negócio.

A partir desse olhar, Simas critica a hiper mercantilização e o crescente processo de transformação do futebol em produto de uma indústria do espetáculo e do entretenimento. Apresentados como elementos que distanciam o jogo de suas raízes populares, tais temas conduzem o autor a falar dos torcedores e das transformações nos perfis e nos comportamentos desses sujeitos, impostas pelo chamado “futebol moderno”. Em suas palavras:

Os torcedores passam a ser prioritariamente vistos como, conforme escutei dia desses, consumidores do “produto futebol”. (...) Bandeiras são proibidas, a torcida única parece ser o destino inexorável, e o jogo de futebol como um evento da cultura é esmagado pelo jogo de futebol como um espetáculo da cultura do evento: elitizado, higienizado, domesticado, desencantado, ferido de morte pelos donos do negócio. O jogo morreu e que se dane (Simas, 2019, p. 67).

Ao enveredar por esses caminhos, Simas trata da elitização, da disciplinarização e da padronização que têm tomado conta do esporte mais popular do Brasil. Desse modo, aborda questões que estão presentes no debate acadêmico, inclusive em produções elaboradas por estudiosos dos campos do futebol e do lazer. Exemplo disso pode ser visto no capítulo intitulado “A arenização da cidade”, presente no livro “O corpo encantado das ruas”, no qual Simas menciona textualmente a influência da obra

de Gilmar Mascarenhas, descrito como “craque” dos estudos sobre as transformações dos espaços das cidades e dos estádios de futebol (Simas, 2019).

Geógrafo de formação, Gilmar foi professor da UERJ e se destacou como pesquisador dos processos de adequação dos palcos futebolísticos à racionalidade econômica vigente, voltada à geração e maximização dos lucros em diferentes esferas da vida social. Ao abordar a difusão das chamadas “arenas multiuso”, o autor caracterizou tais equipamentos como microcosmos da “reprodução social da cidade” (Mascarenhas, 2014, p. 26), devido às conexões existentes entre as transformações sofridas nos estádios de futebol, com as modificações de uso e apropriação do espaço urbano.

Para reforçar essa afirmativa, Mascarenhas apontou a existência de um movimento de gentrificação ocasionado pela implementação das novas arenas, com a substituição da figura do torcedor, de perfil popular, pelo consumidor, de renda média ou alta (Mascarenhas, 2014). Nessa mesma linha, Simas afirma que nos últimos anos “assistimos à elitização dos grandes estádios, redefinidos como arenas frequentados por uma clientela com padrão de consumo e comportamento mais adequados aos cinemas congelantes de shoppings e franquias de botecos de grife” (Simas, 2019, p. 86).

Faces de ações, estratégias e interesses de uma tendência global associada a uma “nova economia do futebol” (Mascarenhas, 2014, p. 26), os aspectos acima descritos revelam proximidades entre as obras desses autores, no que se refere à utilização do futebol como lente para compreender o mundo. Elemento importante das produções de Simas, essa perspectiva pode ser percebida de forma explícita no trecho a seguir:

A peleja entre o estádio de futebol visto como espaço de encontros, paixões coletivas e performances inventivas e a arena fria, despersonalizada, geradora de recursos para investidores, controladora dos corpos em cadeiras estreitas, diz muito sobre os nossos dias. Tem coisa pacas em jogo na nova ordem do futebol (Simas, 2019, p. 87).

Ao descrever a disputa entre dois modelos de estádio, Simas compara essa situação com contendas existentes em outras esferas da vida em sociedade. Para completar, afirma que há muitos interesses envolvidos na nova ordem do futebol. Também nesses aspectos, é possível estabelecer conexões entre a obra do autor com temas mobilizadores de produções acadêmicas assentadas em outros campos do pensamento social, entre os quais é possível destacar aqueles voltados às relações entre esporte, política e economia.

Nesse contexto, o artigo de Haag (2013), que trata das influências do neoliberalismo no futebol, apresenta argumentos que vão ao encontro do cenário abordado e criticado por Simas. Ao tratar de modificações nos cenários políticos e econômicos globais, intensificados a partir da década de 1980, a autora pontua os reflexos dos pensamentos e práticas neoliberais aplicados ao futebol. Para tanto, destaca tanto a questão do aumento do fluxo de capitais no esporte, viabilizados pela mídia e que permitiram a construção dos cenários atuais de mercantilização e espetacularização da modalidade, quanto as transformações arquitetônicas e comportamentais que foram aplicadas aos estádios (Haag, 2013).

Em meio a esse cenário, é importante mencionar as aproximações dos temas abordados por Simas com os estudos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), coordenado pelo professor Silvio Ricardo da Silva, da Universidade Federal de Ouro Preto. Com uma trajetória de quase 20 anos de existência, o GEFuT é um ator importante no cenário nacional dos estudos sobre o futebol, se destacando por produções que buscam analisar a modalidade a partir de suas dimensões socioculturais. Conferindo papel de protagonismo aos torcedores, o grupo

tem um legado de estudos que, dentre outras coisas, contestam a preponderância da lógica econômica no futebol e fazem ecoar a voz de personagens marginalizados.

Nesse sentido, é possível estabelecer paralelos temáticos entre trabalhos produzidos por integrantes do GEFuT e vertentes trabalhadas por Luiz Antônio Simas. Para listar alguns exemplos, por meio de produções desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, podemos mencionar: a dissertação de Vieira (2016), que investigou as vivências de torcedores de estádios periféricos; a dissertação de Santana (2016), que analisou os processos de mercantilização do torcer, tendo como referência um programa de sócio torcedor; a tese de Abrantes (2021), que analisou o futebol como possibilidade de lazer no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte-MG; e a tese de Maciel Júnior (2023), que tratou de questões econômicas do futebol-negócio, a partir da percepção dos programas de sócio torcedor como mediadores da relação clube-torcida na atualidade.

Sobre esse último assunto, fazemos um destaque pelas implicações que possui com as relações de pertencimento, de acesso ao estádio e de possibilidades de vivência do lazer com o futebol. Tema de dois dos trabalhos mencionados acima, os programas de sócio torcedor têm se colocado como peça-chave dos processos de transformação e disputas presentes nos estádios brasileiros. Não por acaso, Simas também se ateu especificamente ao tema, ao afirmar que:

Na arena multiuso, tal e qual na cidade pensada a partir da lógica da vida como um modorrento empreendimento empresarial de gestão, interessa um público restrito, selecionado pelo potencial de consumo dentro dos estádios e pelos programas de fidelização de sócios torcedores (Simas, 2019, p. 82-83).

Diante desse quadro, a análise das produções de Simas acerca do futebol revela a adoção de um pensamento contra-hegemônico, crítico às transformações que as lógicas do espetáculo e da mercadorização vêm implementando na modalidade. Nesse sentido,

é possível perceber e estabelecer conexões com produções acadêmicas voltadas a esses assuntos, mas é importante demarcar que Simas apresenta um jeito próprio de se inserir nessas discussões.

Fugindo ao modelo discursivo hegemônico das produções científicas, as elaborações de Simas sobre o futebol carregam, pelo menos, duas marcas importantes: a utilização de anedotas e relatos de experiências, vividas por ele e/ou por outras pessoas que não seriam notadas pelas narrativas oficiais; e o estabelecimento de relações entre esse esporte e outros elementos da cultura popular brasileira, aproximados pelas compreensões de Simas acerca do processo de formação do Brasil.

Assim, para evidenciar histórias do cotidiano e dar visibilidade a pessoas comuns, o autor nos diz:

Meu pai nunca ganhou na loteria. Quem enriqueceu com ela foi Miron Vieira de Souza, um goiano que acertou sozinho um teste, em 1975. Miron não entendia patavina de futebol, fez a aposta mínima e cravou as zebras mais absurdas (Simas, 2019, p. 78).

Para falar de memórias e afetos mobilizados pelo futebol, ele afirma:

Cresci em uma cidade que sacraliza o profano e, ao mesmo tempo, profana o sagrado. Aprendi a rezar para os deuses sem deus nas arquibancadas de cimento do Maracanã, ao lado do pai e do avô, como um menino achando que o sabor da vida era o da laranja-lima que comprávamos na entrada do estádio e chupávamos subindo a rampa; aquela que levava ao túnel (Simas, 2019, p. 117).

E, ao abordar questões sobre a identidade nacional, destaca:

A chegada dos pretos velhos, dos caboclos, do povo de rua, da linha dos ciganos, dos boiadeiros, dos baianos aos terreiros do Brasil diz muito sobre a história do samba, da capoeira e da popularização do futebol. Diz ainda sobre a inviabilidade de se pensar a identidade nacional com a confortável fixidez que os ideólogos do branqueamento racial e os gestores do projeto colonial, continuado pela República, sugeriam no período (Simas, 2019, p. 171).

Assim, observamos que, com um estilo de escrita original, Simas traz contribuições importantes aos estudos do futebol e do lazer, demarcando de forma palpável sua oposição à hegemonia do esporte espetacularizado e hiper mercantilizado.

Pela afirmação e valorização de personagens improváveis, apresenta a diversidade das expressões de vida contempladas por esse jogo. Nesse processo, estabelece conexões coerentes entre seus pensamentos acerca da modalidade e outros aspectos centrais de sua obra, ao vincular o popular jogo de bola às ideias de sociabilidade, identidade, resistência, pertencimento, memória e afeto.

Escola, Escolarização e Educação: Entre o Muro e a Fresta: Há um Caminho?

As mãos que tecem esse momento do texto coletivo, são as mãos de uma jovem professora de artes de uma escola pública municipal. Enquanto professoras e professores, somos sujeitas/os necessariamente sonhadoras/res. Sonhamos com uma escola inclusiva, diversa, permeada por imagens, cores, corpos, sons, sabores e aromas. Sonhamos com uma escola mais justa, que combata a violência simbólica, o racismo, o machismo e as opressões estéticas.

Uma escola em que brincar e ler sejam experiências valorizadas de forma equalitária. Que a gramática do tambor e a gramática da língua portuguesa tenham espaço. Que a matemática se enlace com a capoeira. Que as festas sejam organizadas e vividas para e pela comunidade, e não apenas produzidas para serem registradas em relatório.

Sonhamos com uma escola humana, em que, estudantes, professores, educadores, merendeiras, apoios educacionais, bibliotecários, coordenadores e gestão, possam ser quem são. Não se trata de uma escola sem conflito, muito menos num ideal esvaziado de paz. Mas de uma escola em que a nossa humanidade e nossa sensibilidade possam prevalecer, onde possamos ser nós, por inteiro.

Para falar de educação, precisamos falar sobre sonho e, para falar de sonho, é impossível não falar de luta. E nesse sentido, da luta, da disputa pelo território escolar e do que está em jogo, é que Luiz Antonio Simas tem muito a nos dizer. A produção do rueiro caminha entre o samba, o terreiro, o futebol, botequins, festas populares e diversas outras dimensões da vida humana e, para ele, todas essas experiências são atravessadas pelo fenômeno da educação.

Há, no entanto, que demarcar que, para Simas, educação não é sinônimo de escolarização. Em “Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas” (2018a), obra que nasceu da parceria com o capoeirista e professor Luiz Rufino, já mencionada em nosso texto, o processo de escolarização institucional é tensionado. Pois, essa escolarização foi fundamentada no saber canônico ocidental que só alcançou sua edificação a partir da subalternização de outras lógicas, organizações e racionalidades.

A subalternização dos saberes e do modo de inscrição de conhecimento no mundo é também apontada pela professora-artista Leda Maria Martins (2021) em “Performances do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela”. Para ela, a ênfase que o sistema colonial atribui à escrita, apenas prolonga a ilusória dicotomia entre o oral e o escrito. Nesse sistema, a escrita tornou-se um instrumento das práticas de dominação e das desiguais relações de poder e das estratégias de exclusão dos povos que privilegiam as performances corporais como forma de criação, fixação e expansão de conhecimento.

A instituição escolar que muitas vezes é forçada a reconhecer e validar como processo de educação apenas a experiência da escrita e leitura de palavras, por meio de corpos sentados, enfileirados, ou que realizem apenas avaliações somativas, aquelas que privilegiam aferir a apreensão de conteúdo, ainda são uma realidade na educação pública brasileira. E tudo mais que acontece na escola, o que é?

Em recente entrevista para o programa Sem Censura da TV Brasil, Simas afirmou que “escolaridade é aquilo que acontece dentro de uma escola. Educação é um fenômeno que acontece o tempo todo, em tudo quanto é lugar” (Simas, 2025).

As questões que nos rondam perante essa informação são: a escola tem sido um espaço de educação? Um território que respeita, reconhece e valoriza saberes diversos? Os processos de educação que ocorrem em outros lugares e territórios são legitimados e reconhecidos?

A partir da experiência docente, sabemos que o território escolar possibilita muito mais do que o “desenvolvimento de habilidades e competências”. Isso é, ainda que seja proibido, há relacionamentos amorosos, danças, músicas, desenhos nas paredes, uso de aparelhos tecnológicos, expressão de identidades estéticas (muitas escolas proíbem o uso de boné, chapéus, shorts e outros tipos de vestimentas e adereços que formam a identidade de uma pessoa jovem). Ainda que sejam proibidos, estão lá.

É na escola que boa parte das pessoas constrói amizades, encontra um primeiro amor, descobre o que gosta e o que não gosta, se decepciona, se empolga, se esperançava, se desespera, participa de movimentos estudantis, participa de projetos... Embora essas vivências não venham descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como fundamentais dos processos de socialização e individuação, elas estão lá.

Embora não haja as palavras “festa”, “lazer”, “comunhão”, “sociabilidade” e “alegria” na BNCC e/ou no Currículo de Referência de Minas Gerais (CRMG), podemos afirmar que nada disso existe na escola? É na escola que muitas/os, pela primeira vez, vão experienciar uma brincadeira dos tempos dos avós, vão assistir um filme no cinema, vão fazer teatro, vão tocar em uma tinta, vão dançar, vão compor, vão falar e vão ser ouvidos.

Como essas Experiências são Vistas, Incentivadas? São Valorizadas?

A pressão realizada por gestões municipais, estaduais e federais por excelentes resultados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) coloca práticas artísticas, festivas e momentos de sociabilidade fiquem sempre no banco da reserva, pois as prioridades são as notas nas provas externas de língua portuguesa e matemática. Escolarização, treinamento de habilidades, e não, educação.

Existem muitos esforços operantes para que a escola não consiga se colocar em fluxo de cruzamento, ou seja, ser um território em que os saberes de diversas origens, modos e épocas se encontrem e se cruzem. Esses esforços, para Simas e Rufino (2018a, p.33) operam para que a noção de realidade e as suas produções sejam mantidas a partir de uma perspectiva desencantada, ou seja, de uma compreensão que exclui a diversidade do mundo e as suas potências criativas, os conhecimentos assentados em outras lógicas.

Assim como falar de sonho é falar de luta. Imaginar uma escola outra é dar início a uma revolução miúda, falar encantamento e desencantamento em Simas.

É desse lugar, de sonhar uma escola *outra*, que vivi o processo de mestrado na companhia e parceria do orientador já apresentado aqui. Simas e Rufino, mais do que referências teóricas e bibliográficas, foram fundantes da ética e do compromisso que firmamos ao olhar e adentrar o território escolar nesta pesquisa. A obra *Fogo no Mato*, foi meu primeiro presente de orientação, o que resultou, posteriormente, no contato com o livro *Pedrinhas Miudinhas* (2019) que me possibilitou a realizar a reflexão escrita e compartilhada no blog, o texto, que a autora parceira anunciou em momento anterior deste texto.

Nesse processo de fazer emergir as miudezas, propusemos a uma escola pública estadual, o fazer pão. Não com um objetivo de alcançar habilidades, competências ou com alguma finalidade possível de ser medida. Mas de descobrir, por meio de experiências de panificação, outras possibilidades de tempo e de relação na escola (Pena, 2023). Propusemos que este momento da pesquisa, pudesse ser o tempo-espço em que as/os sujeitas/participantes pudessem se perguntar enquanto faziam pão: Do que é que a escola tem fome?

Dentro dessa perspectiva de pesquisa, foi necessário acolher as diversidades e suas potências criativas, realizando o exercício de não priorizar nenhum saber em detrimento a outro, compreendendo inclusive, que os saberes são transformáveis, mutáveis e estão em eterno fluxo de cruzamento, que são encantados:

Um saber encantado é aquele que não passa pela experiência de morte. A morte aqui é compreendida como fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade: o desencantamento. Dessa forma, a perspectiva do encantamento implica na capacidade de transcendência da condição de morte (Simas e Rufino, 2018a, p. 33).

Os processos metodológicos, pautados na noção descrita acima, convidaram a comunidade escolar às atividades outras dentro de seu território, tais como: partilhar a experiência de produzir e comer um pão; partilhas de memórias individuais e coletivas relacionadas aos sentidos (sabores, aromas e texturas) e a discutir seus anseios e desejos para aquele território.

O acontecimento das oficinas de pães nos possibilitou experienciar a escola em um tempo outro, sem avaliação ou vigilância, que fosse prazerosa, que de alguma forma despertasse desejos, que ser engajante. Sabemos que não é uma oficina de pão que vai transformar o ambiente escolar, mas a sua realização nessa escola marcada por demandas produtivistas do sistema, nos dá algumas pistas do que é que a comunidade

escolar tem fome e desejo (Pena, 2023). Se torna uma fagulha no fogo da luta, uma pedrinha miudinha que alumeia.

Com base nessa experiência, percebemos que, de fato, existem muitos esforços operantes, já apontados neste texto, para que a escola não consiga se colocar em fluxo de cruzamento. Esses esforços, para Simas e Rufino, operam para que a noção de realidade e as suas produções sejam mantidas a partir de uma perspectiva desencantada, ou seja, de uma compreensão que exclui a diversidade do mundo e as suas potências criativas, os conhecimentos assentados em outras lógicas (2018a, p. 33). Nos recentes caminhos de pesquisa, temos nos dedicado ir ao encontro de outras pedrinhas miudinhas na educação básica, que busquem praticar o encantamento por meio de processos de educação, driblando a escolarização.

Finalizo sobre o sonho e a luta, com um dito do professor-rueiro Luiz Antonio Simas, reflexão feita em uma das suas aulas públicas na rua. Essa fala⁹ foi realizada por Simas, após uma pessoa do público perguntar sobre o futuro das culturas de ruas, sobre as relações comunitárias e coletivas que tem perdido força em diversos contextos: “Nessa briga, nós não vamos ganhar, mas também não vamos perder” (Simas, 2024, n.p).

Considerações Finais

Nossas experiências como pesquisadores no campo dos Estudos do Lazer nos desafiam a transcender dicotomias históricas como trabalho versus lazer, tempo livre versus produtividade, cognição versus corpo e sagrado versus profano. Elas nos

⁹ Realizada no dia 17 de agosto de 2024, na cidade de Belo Horizonte, em parceria com a Livraria Jenipapo, durante o lançamento do seu livro *Maldito Invento dum Baronete: Uma breve história do jogo do bicho* (2024).

convocam a perceber a vida com seus diferentes ritmos e ritos em que as relações comunitárias se fazem centrais. Buscamos olhar para experiências de lazer que confrontam a lógica capitalista de controle sobre o tempo, os territórios, os corpos e as subjetividades.

O trabalho de Luiz Antonio Simas tem acompanhado essas trajetórias de pesquisa. Seu olhar, que valoriza as histórias não oficiais e as práticas que se desenvolvem nas frestas da vida cotidiana, soma-se ao nosso e inspira muitas de nossas reflexões. Iluminados por sua “Sabedoria Encantada”, aprendemos a olhar para o Lazer com novos sentidos e potências. Abrimos caminho, também inspirados por Simas, para uma experiência acadêmica com um sentido mais coletivo e, por isso, para um crescimento humano de muita riqueza, trazendo consigo pensarmos sobre a educação, as experiências culturais e o lazer, como caminhos de relações, conhecimentos e vida encarnada no cotidiano, na festa, na ritualidade que podem ser e se expressar em nossos modos de ser e viver.

Assim, nos afinamos em um compromisso ético e, sobretudo, político, que nos desafiou escolhas, e uma reinvenção de nosso trilhar acadêmico e epistemológico, de forma mais coletiva, cuidadosa, colaborativa... que se revelou, sobretudo, como um ambiente de escuta. No caminho que nos levou a um encontro coletivo com a obra de Simas, apresentamos nesse texto o modo como as reflexões desse autor nos auxiliam a olhar para os fenômenos que nos afetam como pesquisadores: o carnaval, o futebol e a educação. Com seu modo peculiar de narrar histórias cotidianas e de, a partir delas, tecer as mais profundas reflexões, qualificamos nossa mirada para tais fenômenos e, de modo mais geral, para o lazer. O pensamento de Simas nos desafiou a interpelar vínculos com o cotidiano, o sagrado, o corpo, a rua, a cidade, o tempo e o território,

indo ao encontro de saberes múltiplos e outros. No diálogo com Simas, encontramos a possibilidade de expressão coletiva, de sonho e de luta.

Cabe ainda destacar que buscamos nos mover contra toda violência. Embora reconheçamos, também no Lazer, seu potencial como instrumento de colonialidade, indagamos, também, brechas para a construção de outras narrativas. São essas narrativas ousadas e transformadoras que nos desafiam, em diálogo com Simas, a sonhar e a lutar por modos alternativos de ser, viver e compartilhar a vida em comunidade.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. **A bola no “pé do morro”**: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte - MG. Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2021. 202 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia**: mas allá del arte... el mundo de lo sensible. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2017.

HAAG, Fernanda Ribeiro. Futebol e o giro neoliberal: apontamentos e o caso brasileiro. **Podium, Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 57-80, jan./jun. 2013.

MACIEL JÚNIOR, Mauro L. **O futebol para sócios torcedores**: análises sobre um jogo mercantilizado. 2023. 182 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2023.

MARTINS, L. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.

MASCARENHAS, Gilmar. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. **Advir**, jul., 2014.

PAULA, J.A. **Dança, mulheres negras e vínculos comunitários no contexto do Bloco Afro Ilê Aiyê**: o processo de constituição das deusas do Ébano. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, EEFFTO/UFGM, 2023.

PENA, A.P.S. **O Pão que a gente compartilha**: experiências significativas e encantadas no território escolar. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, EEFFTO/UFGM, 2023.

SANTANA, Thiago José Silva. **O clube no coração e/ou no bolso: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio torcedor.** Orientador: Silvio Ricardo da Silva. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

SAYÃO, L. Prefácio. In: Lopes, N.; SIMAS, L.A. **Filosofias Africanas: uma introdução.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, L. **O corpo encantado das ruas.** 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 176 p.

SIMAS, L. **Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre as ruas, aldeias e terreiros.** 2. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 132 p.

SIMAS, L.; RUFINO, L. **Flecha no tempo.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 112 p.

SIMAS, L.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira.** São Paulo: Bazar do Tempo, 2020. 200 p.

SIMAS, L.; RUFINO, L. **Fogo no mato.** A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018a. 124p.

SIMAS, Luiz Antonio. **A história do Brasil contada pelas ruas, festas e batuques – Entrevista.** Entrevistadora: Cissa Guimarães. *YouTube*, 4 fev. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jzX7K7sGNQY>. Acesso em: 12 de março de 2025.

SIMAS, Luiz Antonio. **Luiz Antonio Simas sobre o Carnaval do Brasil: "A luta e a festa são irmãs".** Brasil de Fato, 21 fev. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/21/luiz-antonio-simas-sobre-o-carnaval-do-brasil-a-luta-e-a-festa-sao-irmas/>. Acesso em: 26 fev. 2025.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Entrevista concedida a Leonardo Nascimento. *Pernambuco Revista*, 2018b. Disponível em: <https://www.pernambucorevista.com.br/acervo/entrevistas/2111-entrevista-luiz-rufino-e-luiz-antonio-simas.html>. Acesso em: 17 fev. 2025.

VIEIRA, Christian Matheus Kolanski. **As vivências de torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros.** 2016. 147f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

Endereço dos(as) Autores(as):

Juliana Araujo de Paula

Endereço eletrônico: j.araujodepaula@gmail.com

José Alfredo Oliveira Debortoli

Endereço eletrônico: dbortoli@eeffto.ufmg.br

Mauro Lucio Maciel Junior

Endereço eletrônico: maurolmj9@gmail.com

Ana Paula da Silva Pena

Endereço eletrônico: paulavalentineteatro@gmail.com